



PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação



ROTEIRO DE ESTUDOS/ATIVIDADE

UME: CIDADE DE SANTOS

ANO: 9º

COMPONENTE CURRICULAR: HISTÓRIA

PROFESSOR: DELCIO Período de 17 a 31jul2020

A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações.

RAÍZES DO RACISMO O preconceito racial abolicionista tinha raízes dentro e fora do País. A propalada superioridade da raça branca era parte constitutiva da ideia de "progresso", lembra o historiador Eric Hobsbawm.

No século XIX, os maiores países europeus passam a ser, com hierarquias variadas, centros de poder imperial, conquistando colônias na África e na Ásia. Havia um nó teórico a ser desatado: como regimes liberais, lastreados nas ideias da Revolução Francesa (1789), poderiam colonizar nações inteiras, subjugando povos e culturas a seus desígnios? É nesse ponto que surgem as primeiras teorias racialistas para justificar a superioridade intelectual, física e moral do europeu branco. O primeiro grande formulador foi o conde francês Joseph-Arthur Gobineau (1816-1882). Diplomata, poeta, romancista e escultor, Gobineau tornou-se conhecido após a publicação de seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855). Se os outros povos eram inferiores, como poderiam ter os mesmos direitos dos europeus? A noção de superioridade racial passara a ser legitimadora da ordem imperial, na qual o fornecimento ininterrupto e a bom preço de matérias primas era o combustível para o funcionamento da economia internacional. As teorias raciais surgiram para legitimar uma concepção de mundo que pregava liberdade, igualdade e fraternidade entre brancos e que justificava a superexploração de outras etnias. E a ideologia do racismo passou a existir dentro de

cada país, mesmo nos da periferia do sistema, como explicação determinista para a dominação de classe, o desnível social e a europeização acrítica de suas camadas dominantes.

INDESEJADOS DOS NOVOS TEMPOS Os ex-escravos, além de serem discriminados pela cor, somaram-se à população pobre e formaram os indesejados dos novos tempos, os deserdados da República. O aumento do número de desocupados, trabalhadores temporários, lumpens, mendigos e crianças abandonadas nas ruas redundou também em aumento da violência, que pode ser verificada pelo maior espaço dedicado ao tema nas páginas dos jornais. Escrevendo sobre esse período, Lima Barreto (1881-1922) ressalta que:

"Nunca houve anos no Brasil em que os pretos (...) fossem mais postos à margem".

A descrição do historiador Luiz Edmundo (1878-1961), em seu livro *O Rio de Janeiro do meu tempo*, sobre morro de Santo Antônio e suas moradias e vielas miseráveis, poucos anos depois, mostra um pouco da cartografia humana da então capital:

"Por elas vivem mendigos, os autênticos, quando não se vão instalar pelas hospedarias da rua da Misericórdia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte: mulheres sem arrimo de parentes, velhos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida, porém o que é pior, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus... (...) No morro, os sem-trabalho surgem a cada canto".

O novo regime, apesar das promessas, não viera para democratizar a sociedade ou possibilitar uma maior mobilidade social. Por suas características acentuadamente oligárquicas, a República brasileira chegara para manter intocada uma estrutura elitista e excludente.

Por conta disso, as autoridades logo voltam-se para a repressão a diversas manifestações populares. A partir de 1890, são impiedosamente perseguidos os capoeiras, valentões, predominantemente negros e pobres, que praticavam essa modalidade de luta pelas ruas do Rio de Janeiro.

LARGADOS À PRÓPRIA SORTE Em que pesem alguns episódios

específicos, a base fundamental da campanha abolicionista movida por setores da elite econômica dos anos 1880 estava longe de ser um humanitarismo solidário aos negros, ou a busca de reformas sociais democratizantes. Isso tornou-se evidente com o passar dos anos, apesar de um discurso contraditório de setores das classes dominantes, simpáticos à libertação. Havia, por exemplo, o caso do projeto abolicionista de Joaquim Nabuco. Rejeitado pela Câmara dos Deputados, em fins de 1880, o texto manifestava alguma preocupação social. Seu artigo 49 definia:

"Serão estabelecidas nas cidades e vilas aulas primárias para os escravos. Os senhores de fazendas e engenhos são obrigados a mandar ensinar a ler, escrever, e os princípios de moralidade aos escravos".

E havia mais. O historiador Robert Conrad assinala que: *"Os abolicionistas radicais, como Nabuco, André Rebouças, José do Patrocínio, Antonio Bento, Rui Barbosa, Senador Dantas e outros esperavam que a extensão da educação a todas as classes, a participação política em massa e uma ampliação de oportunidades econômicas para milhões de negros e mulatos e outros setores menos privilegiados da sociedade brasileira viessem a permitir que estes grupos assumissem um lugar de igualdade numa nação mais homogênea e próspera".*

O mesmo pesquisador assinala ainda o fato de que *"durante os anos abolicionistas, a reforma agrária foi proposta frequente e urgentemente".* E lembra do plano de André Rebouças, no qual grandes proprietários venderiam ou alugariam lotes de terras a libertos, imigrantes e lavradores. Trata-se de uma modalidade de reforma que prescinde da democratização fundiária, restringindo-se às regras do mercado então vigentes. Quando a campanha abolicionista tomou vulto, tais propostas foram pouco a pouco sendo deixadas de lado. Quais as razões disso? Voltemos a Florestan Fernandes. Talvez a resposta esteja sintetizada neste trecho de seu livro já citado: *"A preocupação pelo destino do escravo se mantivera em foco enquanto se ligou a ele o futuro da lavoura. Ela aparece nos vários projetos que visaram regular, legalmente, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, desde 1823 até a assinatura da Lei Áurea. (...) Com a Abolição pura e simples, porém, a atenção dos senhores se volta especialmente para seus*

próprios interesses. (...) A posição do negro no sistema de trabalho e sua integração à ordem social deixam de ser matéria política. Era fatal que isso sucedesse”.

A Vida dos Ex- escravos na Primeira República

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

I Y I O O T E S T P O T O Y T W H F H I E A
O I V U L I B E R T O S O N N G T F M R B E
E A D T S U P E R I O R I D A D E I O O S O
Y L T I O W S L O R A A R R E N G R L R L E
L A D W H I H U A G A E R I R R E I A O A N
H B N A D H M A W N O T E O A T C S T L V H
I N D E S E J A D O S M E N D I G O S I R H
Y I N O D E R E W H A T T L O P E D O G A R
D T O I W Y R E L R N E R N S O R L C A D E
E A S A N E S E E S S S I N S A I I Y R O P
N P T T A N T C T S E S I M A A N R O Q R U
A E S G F H H P I A T Y I R H C H L M U E B
Á F R I C A U T Y A C F I P T L D N B I S L
W R I T L S O R A C I S M O O A T H V A I I
L O R Z I T G A B I N E A U N C H E P A I C
C D E S I G U A L D A D E A D N U H S E A A

- ABOLICIONISTA
- DESIGUALDADE
- GABINEAU
- IMIGRANTES
- INDESEJADOSMENDIGOS
- LAVRADORES
- LIBERTOS
- MARECHAL
- OLIGARQUIA
- PRESIDENTE
- RACISMO
- REPUBLICA
- SUPERIORIDADE
- ÁFRICA

